



CORTE.

Um anno.	14.000
Seis mezes	7.000
Tres mezes	3.500

N.30.

ANNO I.

PROVINCIAS.

Um anno.	14.000
Seis mezes	7.000
Avulso	300 rs.



Dia de Finados.

O Brasil chora hoje por tão queridos filhos que succumbiram em sua defesa.

A PACOTILHA

NOVIDADES DA SEMANA.



TANTO mais túbida murmura a ventania, tanto mais cresce o temporal. O céu é negro, as frondes altivas dos pinheiros e os leques das palmeiras agitam-se, estalam sob o notô que tombando dos visos das montanhas vai arrancando arrazando e destruindo os ornamentos dos bosques e enchendo as mattas de mestico sorido.

O estado do Brasil é assim. De todos os lados a tempestade, a descrença, a desconfiança, a lethargia e o marasmo.

O povo, que fora capaz de tantos sacrificios geme exausto de forças e que é mais... de crença. A campanha do Sul que elle emprendeu com hombridade de animo e valentia, transformou-se em um matadouro, graças a incuria de uns, o desmazelo de outros, a inepecia e os erros de todos.

Nas provincias reina uma discordia immensa: não ha entre ellas um pensamento fixo; preparão-se para as eleições, — o instrumento mais habil de corrupção e infortunio. Graças ás eleições, os nossos soldados, autoridades e povo tinham entibiado o espirito e afeito-se ás pequenas luctas, onde nada se ganha e tudo se perde.

O nosso commercio, a nossa lavoura, as nossas artes, emfim tudo quanto havemos de nosso, desanda, atrazase. E não ha providencias, nem cauterio.

E quando o povo sente-se ebalado em suas convicções, e quando o governo não lhe empresta a força moral, urge um movimento que tenha por alvo, por fim, por meio, o bem-estar. Então ou o movimento nasce do baixo para cima e chama-se revolução popular, ou vem de cima para baixo e denomina-se revolução imperial.

Na verdade, o unico palladio que havemos, é o Imperador. E' nelle que se fitam todas as vistas, é nelle que de todos os angulos do imperio confiam seus subditos, seus subditos reverentes e leaes.

E o imperador, herdeiro de uma gloria que nos é santa, e o imperador, o cidadão patriota, o pai desvelado, o defensor generoso, sem odios, sem máo animo, é hoje o unico que pôde inocular nova marcha em nossos negocios. Venha delle a revolução, e abaixo os planosmeticulosos da politica e abaixo as negras insidias dos que vivem pela barriga do Estado.

Ferve por ahí a concorrência ao templo da exposição. Melhor para nós que assim seja, melhor sim, porque aquillo é um estímulo, uma conquista senão um triumpho.

A companhia dos *Quadros Vivos* não dá alarma de si. Annuncia-se uma outra que promette mundos e fundos. Esperemos pela volta.

O Gymnasio veste-se de novo para levar ao palco o *Actor*. Os jornacs gemem e dos prelos sahiu um *conversação preambular*, que tende a explicar o entredo, a idea do *Amor da arte*, que divide-se em *Actor* o *Actriz*.

As grandes despesas do scenario, as grandes publicações, o grande ruido que se ouve, o grande polavrorio que se esenta dizem que o drama tem por força alguma cousa de admiravel. Esperemos pela obra: actualmente a descrença seccou-nos o espirito e estamos como Sto. Thomé: queremos ver para crer.

O Vasques representou em seu beneficio uma scena, o *Diabo no Rio de Janeiro*, que se tem repetido mais vezes. Gostámos da scena em sua integra, e não como actualmente se acha, que está toda cortada, segundo dizem, por ordem da policia. E querem saber os pedaços cortados?... pois são os melhores... os que accusam os peculatos, os barrigudos, as tricas e a volubilidade de nossos *politicões*.

Infelizmente entre nós o *Conservatorio Dramatico* é a policia.

Nada mais nos cheira a novidades. E se os leitores quizerem cousa melhor, procurem uma casa de barbeiro, uma taverna ou o Carceller e orelhas estendidas e ha de ouvir prodigios e maravilhas.

ROMANCETE.

Os postices.

(Continuação).

D. Angelica fazia-se de mil côres, uma hora estava pallida, pallida como um defuncto, outr'ora vermelha como um camarão cosido.

Seus olhos lançavam fogo, os labios tinham perdido sua cor natural e tornavam-se roxos, roxos como uma bringella: tremia a bom tremer, rangia os dentes como uma damnada, fallava com as mãos, com os pés, com a cabeça, até com o leque que já estava quasi em pedaços; o suor cahia-lhe immensamente por o rosto, e ao passo que ia limpando-se o lenço tomava uma cor preta, porque ella desesperada como estava, limpava tambem a cabeça que era um deposito de *gometique* preto.

D. Angelica estava horrivel, tinha perdido sem duvida nenhuma o juizo, a julgar por as ideias que desencontravam-se.

Furiosa assim, disserois esfaimada panthera em busca de sangue para alimentar-se.

As moças com os lenços na bocca abafavam risadas que altas podiam enfiar mais a illustre desesperada, os rapazes caprichavam em dirigir-lhe dictos cada um mais gaiato e espirituoso; Euphemia que por um instante sentira-se envergonhada, ria-se tambem á vista da loucura e porção de despeito que ia naquella coração já caduco.

O Dr. Paulo com aquelle cynismo que caracteriza sempre aos pobres do espirito; elle materialista até a essencia, que com o maior indifferetismo do mundo contemplava aquella jocosa comedia; diz com um riso de escarneo, este riso que só homens daquella tempera sabem produzir.

— Ah! Moliere! Moliere! quanto não darias naquelle tempo por uma personagem como esta para uma de tuas comedias; apontando para D. Angelica.

Ella mais furiosa ainda, no mesmo diapazão:

— Elle teria necessidade tambem de um cynico, um incivil, um parasita, um...

— Senhora, não continue e então estarei perdido, V. Exa. é uma tola, uma enfatuada, uma velha que aos 50 annos quer ainda ter um amante; aos *postigos* vos outras deviam mandar levantar um monumento na praça das gaiteiras.

Velha! gaiteira! que atrevido! ai, ai, quem me accode, soccorro e cahe sobre a cadeira com um ataque furioso.

Dr. Paulo tranquillamente vai sentar-se em uma cadeira que estava junto ao piano, dizendo estas palavras: — Fingimento, fingimento, as velhas quando dão para *namorar*, e pôr tambem o seu *balão* costumam ter destes fanequitos.

João Paulino que até aqui tinha se conservado mudo no gabinete, envergonhado por tão escandalosa comedia, apparece então porque a sua presença agora era uma necessidade.

Attonito, e confuso sem saber o que fazer, ora esfregando as mãos, ora puxando os cabellos, toma a final uma resolução; chama Euphemia que convida algumas amigas e conduzem D. Angelica para o gabinete.

Depois disto, o pai de Euphemia, tremulo de raiva e de vergonha, de raiva por não apparecer o seu desejado *Anastacio*, de vergonha por se ter dado aquelle escandalo logo nesta noite que era a noite de encantos, de regosijos para elle; dirige-se ao Dr. Paulo e arrancando d'alma um fundo suspiro diz:

— Doutor, nunca pensei que V. S. abusasse tanto de minha bondade como de meus convidados.

— Como Sr. João Paulino?... responde o doutor com este espanto que não diz bem em uma fronte como a delle.

— Eu não tive intenção de offender-lhe, nem trazer o escandalo a vossa festa; D. Angelica é...

— Muito ciumenta, o doutor deve-lhe ser grata, porque ella além de ser sua amante, é quasi sua mãe, porque alimenta todos os seus caprichos, o sustenta finalmente.

O Dr. Paulo extremee e pallido como um defunto, não quer mais ouvir a João Paulino e encaminha-se para janella, enquanto o pai de Euphemia vai conversar com o commendador Moraes que entra na occasião.

AIX.

(Continua).

Offenbach e Furtado Coelho.

Desde a orquestração basta nos detalhes e modulos espontaneos, imprevistos para attingir a cadencia ultima de Méhul ate Coccia, Generali, Vaccini, Paccini e Donizetti apparece Rossini.

Dante, Rossini e Malibran, harmonia da arte italiana, exclama Blaze de Bury. E de facto, o poeta, o maestro e a *prima-dona* revelam a pujança da idéa, do talento; dizem o colorido da palavra, e do som, a magia da lettra, da musica e da voz.

Rossini é o Lamartine da musica. A sua melodia participa da melancolia de Bellini, do genio de Mozart e da phantasia romantica de Weber. O seu *stabat*, onde a critica acha encantamento de melodia e estylo, suavidade doce e calma, uneção divinamente humana, o seu *Stabat* que do autor dos *Musiciens contemporains* vingou arroubos de extremado transporte e que abala d'entro d'alma todas as fibras e que electriza e seduz e prende e inunda o espirito de um jubilo que se sente, mas que a palavra não explica, é a corôa de glorias de Rossini. E no entretanto em Pariz Rossini cahiu na opinião publica. Ergueu-se um rival—é Offenbach.

Os *crescendo*, as *appogiature*, os trios, as arias uniformes de Rossini—eis o seu crime. O ruido da instrumentação matando o canto, a apropriação das idéas dos outros—eis as circumstancias agravantes de seu crime. E esquecem-se do *Othelo*, do *Taucredo*, onde a Pasta cantava *Di tanti palpiti*?... onde Pisoni, Sontag e Malibran colherão tão e tantos applausos.

E o que é feito de Auber, o poeta da musica viva, engenhosa, dócil e elegante? O que é feito daquelle que acima de Herold e Boieldieu significava a expressão legitima da musica franceza? Auber com sua imaginação



O anjo da meia noite do Campo de Sant'Anna.

-- A lavadeira, typo conhecido da Camara Municipal.

— Senhor, á vossa caridade estende a mão um bravo da patria.

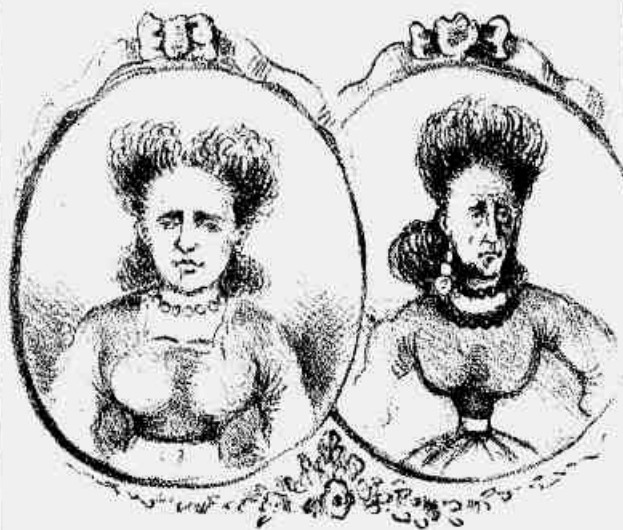
— Camarada, aqui tendes ; sinto do coração que a patria pague assim a quem a serve.



O Rio de Janeiro ás avessas.



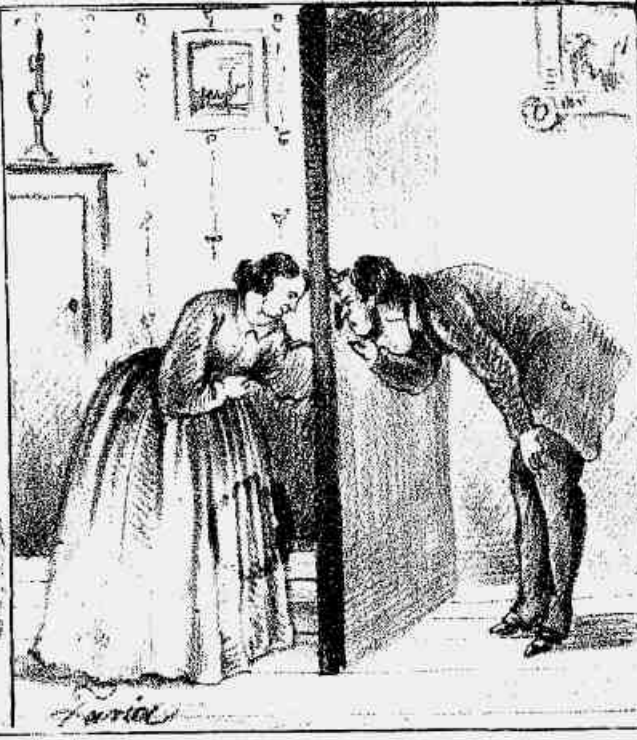
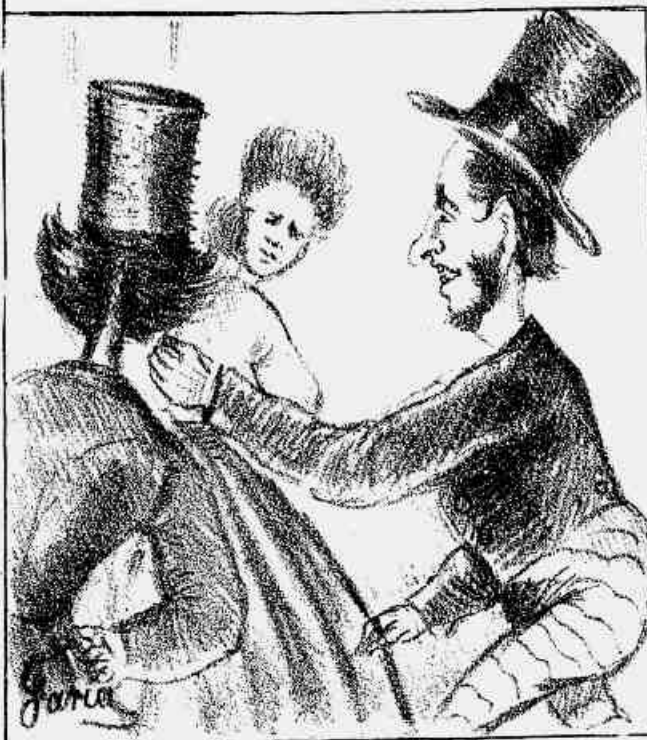
As gallinhas roubam os homens, o cavallo governa o tilbury, dorme o urbano e o cão dá bola ao guarda fiscal, e preguieta dorme, os cavallos accendem os lampeões e os cães namoram a lua e os homens latem aos cães



Doas epochas da vida

— Hontem a natureza e portanto velha e feia ;
hoje — os postigos e portanto formosa, moça e
linda

— D'onde vens tão estupefacto e attonito ?
— Venho da exposição, onde vi um bosque tão
bello e com tantos animaes que fiquei com vontade
de lá ficar ; é tão bom viver-se entre animaes.



— FILHO : Vou a exposição com minha mãe.
— PAI : Com o teu cabelo e com a cara de tua
mãe, correm risco de lá ficarem.
— FILHO : E o nariz de meu pai também não é
original ?

— VISINHA : O que fará o visinho em seu quarto
à estas horas ?

— VISINHO : O que fará a visinha ? Está no
banho ? Temára que sim !

cheia de motivos, com sua harmonia límpida como os olhos azues de uma alemã, sempre elegante na instrumentação, sempre original em suas canções, também cabiu.

E o que é feito do Spontini? O homem da *La Vestale* que colheu um triumpho sem exemplos nos annaes da opera no dizer de Blaze de Bury, o meio termo entre o racionalismo musical de Gluck e o idealismo de Mozart.

Tudo cahiu e ergueu-se Offenbach.

Livrons aux vivants la plus large place, mais ne bannissons pas les morts glorieux, escreveu Blaze de Bury.

Offenbach, com o *Orphée aux enfers*, revelou a exquize de seu talento. Alli tudo é original, novo, gracioso, diverso, multicolor, ha movimento, colorido, volubidade. *Le Mariage aux lanternes*, *Les georgiennes*, *Les Bavards*, *Daphnis et Chloé* e muitas outras operas e operetas do mesmo autor mostram iguaes predicados, embora ás vezes a symphonia pise e repise os mesmos tons, as mesmas notas. *La Belle Helene*, que não é o melhor parto de Offenbach, tem volatas e arias de uma originalidade fecunda e vivaz, os côros são cheios e faceis e brilhantes.

Offenbach é o maestro da moda. O mundo o quer, o diz, o applaude, o imprime e assim seja e assim queira-se e assim execute-se. A opera *Barbe Bleue* faz ruido e o merece sem duvida. Alli ha tudo quanto é preciso para uma opera buffa e em si, quanto á forma, é um indicio claro da musica franceza.

A musica franceza é o rouxinol, a musica italiana é o cysne, disse-o um grande critico. O cysne tem em sua voz um ineffavel accento de melancolia e amor, uma inspiração sem igual, uma nota divina que abala e comove toda a natureza, mas esta nota exhala-se uma só vez, não volta e passa. O rouxinol, ao contrario, recommença cada noite, ás mesmas horas, na mesma folhagem. O rouxinol não canta como o cysne e no entretanto estremece-mos em maio, quando esta voz de notes melodiosas desperta de repente. Que sonora vibração! que timbre! que viva canção que recommença sem cessar.

Offenbach é como o rouxinol — fonte inexgotavel de espirito, de canto, de harmonia. Mas Cimarosa, Beethoven tem mais genio, mas Auber e Spontini tem mais encanto mais seiva, mais genio.

Offenbach porém é de hoje. Louvores pois a elle, segundo a opinião publica e a moda. Nós repetiremos o dicto de Blaze de Bury: *Livrons aux vivants la plus large place, mais ne bannissons pas les morts glorieux*.

Sahio a lume um opusculo: *Conversação preambular*, escripta por Furtado Coelho a propoz da sua composição

dramatica: *Amor da arte*, actualmente em ensaios no Theatro Gymnasio.

O auctor explica o seu trabalho em phrase tersa e pura. Diz elle « No meu escripto não se conta apenas um facto, não se narra uma historia, não se romantisa um determinado artista, muitas vezes ou quasi sempre em detrimento da dignidade da sua classe. Não. — No meu trabalho discute-se uma idéa, fulmina-se um preconceito e eleva-se um principio. — Não se falla de um actor, mas de todos os actores: de um theatro, mas de todos os theatros; de um individuo, mas de todos os individuos. »

E na execução de taes idéas, Furtado Coelho continua « O fim da minha obra, tão differente das que por lado nenhum se approximam do assumpto em questão —, o fim da minha obra, repito, é a rehabilitação do actor em face da sociedade. E' dizer aos artistas meus collegas. — « A nossa arte é uma arte sublime! Sêde dignos della, sendo honestos, honrados e estudiosos » E' dizer a sociedade: — « Elles o são: respeitai-os considerai-os, porque os que o não são ainda, sel-o hão, vol-o juro, desde o momento em que certas paginas da minha obra lhes conquistarem no theatro uma lagrima... »

Vê-se pois que o fundo do *Amor da Arte* é de uma substancia fecunda basta e que deve extremar principios de uma moral á toda a prova. Regenorar-se o artista abrindo lhe um lugar na sociedade, fazer com que aqueile que como actor nas vale applausos, nos encanta, nos promove sensações que nunca experimentámos tambem nos valha muito como homem, como cidadão — eis a these; incerepar os desmandos, os desvarios do actor, castigar os preconceitos da sociedade — eis os meios.

Sem duvida alguma a these é original e grande, não é uma legenda, um episodio, um escandalo como *Kean*, *Adriana Lecouvreur*, *Sullivan*. A vida de uma actriz e outros, é a arte tomada abstracta, comparada com a sociedade, vivendo com ella, alliando-se com a moral, escarnecendo do erro, servindo-se o bello e proclamando o ideal christão que se manifesta no justo, no verdadeiro e no bom — trindade da belleza que só o christianismo produziria!

A forma do *Amor da Arte* qual devia ser? Um livro, um poema, um tractado, uma ode, uma these philosophica, uma historia, um romance? Não. O auctor elegu o drama e houve razão. Pesou-lhe n'alma « a consideração muito valiosa de tractar-se do theatro no proprio theatro, de fallar do palco sobre o mesmo palco, e de levar muitos dos artistas a ser, além de expectadores, interlocutores na acção que é toda d'elles, toda para elles, toda por causa d'elles e por bem d'elles. »

Pelo que fica dito colhe-se que a platea, como os expectadores dos circos, tem uma só missão: ver. A lucta está no palco. E no palco ha preconceitos sociaes,

obreiros do progresso pela industria, pelas revoluções sociaes, pelas letras, pela arte, ha os prototypos das crapulas sociaes, dos parasitas, ha o povo « sincero e futil, inconsciencioso do bem que faz, » ha a mocidade inexperiente e tres mulheres diversas; a mulher — anjo; — o anjo mulher; — a mulher — satanaz — triplice ideal de perfume e flores e perigos, de innocencia e resignação e males, de virgindade, amor e miseria: Amelia a « emanação celeste, com os pés na terra e a mente nas vagas regiões dos sonhos impossiveis. » Adelina, o « typo da casta innocencia quando donzella, e da extremosa dedicação quando esposa; » a Baroneza da Cidreira « o typo synthetico da depravação. »

Aguardemos pois o drama, conhecemol-o pelos lineamentos, advinhamos de nós para nós o elaro escuro, o colorido, a luz, mas falta-nos saber da perspectiva, da magia dos grupos, da perspicuidade do estylo. Aguardemos pois.

..

Assim como o Aleazar enfeitou-se todo por causa do *Barbe Bleue*, apresentando um *mise en-scene* prodigioso, vestuario á character, assim tambem o Gymnasio se *elegantisá* para receber o *Amor da Arte*. E faz bem, O *Amor da Arte* como o *Barbe Bleue* são fructos de arvores bastas de seiva e portanto merecem benevolento agasalhado.

Offenbach é o rei de Pariz. A sua musica corre pelos *boulevards*, é cantada, assoviada, applaudida. Furtado Coelho está hoje no Rio de Janeiro como um outro Offenbach — porque está fazendo barulho: todos fallam nelle, no seu drama, e o esperam, e o aguardam.

Buona sera, signore leitor. Acabou-se o assumpto.

M. MAJOR.

Meu amigo.

O trabalho, em o qual me acho actualmente occupado, não deixou-me tempo para escrever a minha terceira carta, porém, lendo o *Diario do Rio*, de 31 de Outubro logo nas primeiras linhas da primeira pagina, surpreendeu-me e por isso transcrevo o seguinte do mesmo *Diario*:

« Se fosse apenas isso, a questão seria menos grave; acontece, porém, que a esquadra austriaca já se achava nas aguas de Creta, e que os Estados-Unidos, depois de *mandarem* para lá tres navios, deu ordem á sua esquadra no Baltico para ir ter ás mesmas aguas. A probabilidade de uma intervenção dos Estados-Unidos causava grande expectativa na Europa, e era esse o ponto mais

grave da questão, porque essa intervenção seria nada menos que um contraste aos interesses das potencias occidentaes. A França e a Inglaterra iam *mandar* para lá forças navaes. Já no archipelago fluctuava igualmente o pavilhão russo. »

Qual é, meu amigo, o sujeito do infinito pessoal *mandarem*? Não póde ser Estados-Unidos, porque a oração do infinito pessoal péde sujeito proprio differente do sujeito da oração por ella modificada, « qual será o sujeito do verbo — *deu*? Certamente — Estados-Unidos — tomado conforme as regras grammaticaeas.

Nas ultimas linhas escreveu o digno e illustrado redactor — *mandar*, e qual o motivo que o obrigou a isso, pois devia ser — *mandarem*, conforme o seu gosto e costume.

Oh! que confusão e desordem!!

Agora, meu amigo, diz a mesma folha:

Café. — « Venderam-se 23,000 saccas. »

Esta é a fórma passiva dos verbos da nossa lingua, pois, como sabemos, não temos verbos passivos. O *venderam-se* é erro crasso pois *o-se* — é *indefinito* aqui.

Basta estas observações, pois, nas minhas cartas anteriores, demonstrei o emprego do infinito pessoal dos verbos e do pronome indefinito — *se*, na fórma passiva dos nossos verbos. Adeus.

J. L. SOUZA BRAGA.

Soneto.

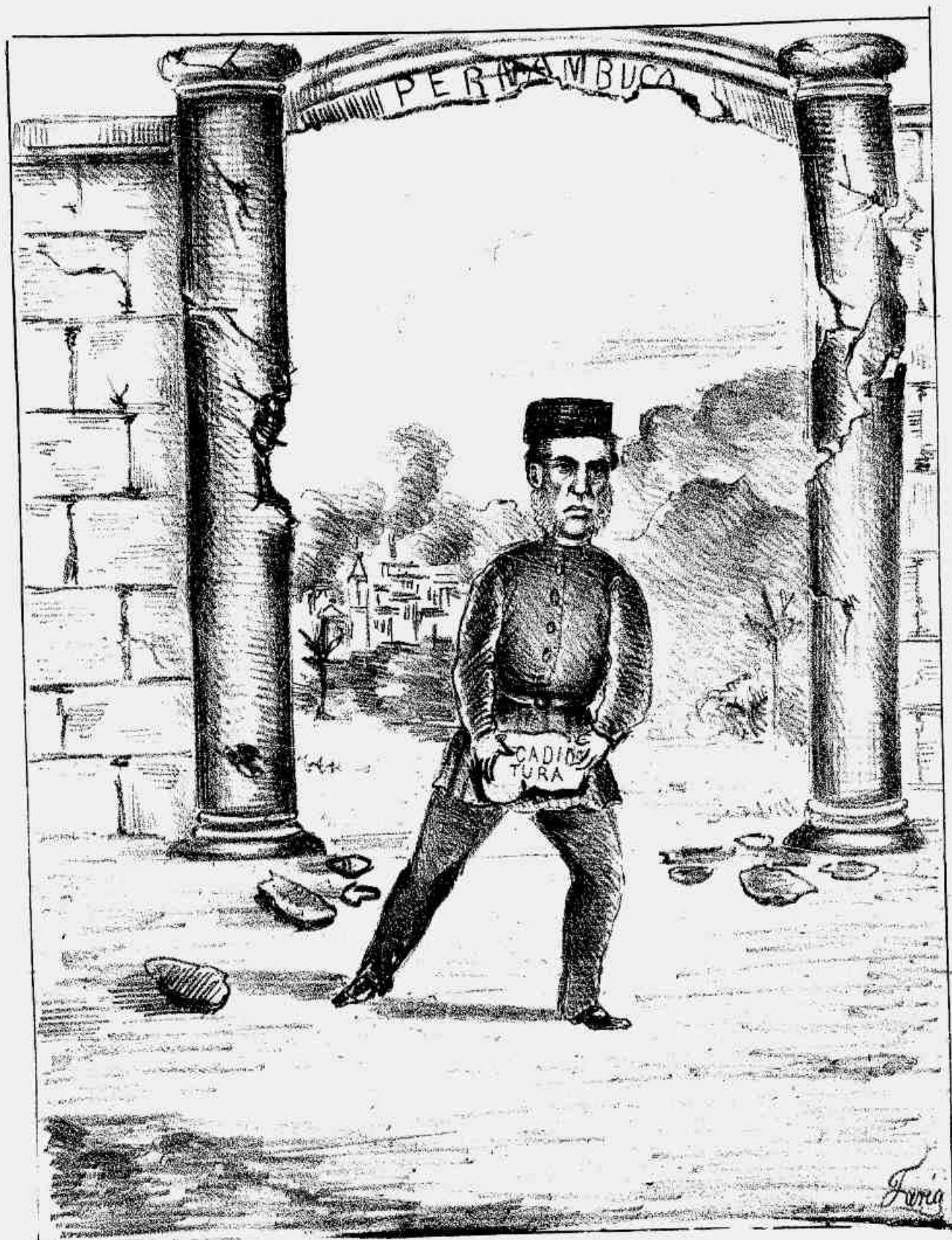
Balançava-se *Sinha*, sorrindo á brisa
Que fluctuava-lhe o lourissimo cabello,
E voando a seia um lindo tornozello
Eu vi por entre as rendas da camisa...

Vem mais forte o tufão... mais se divisa
A meus olhos que começam a arder em zelo,
E eu vejo, oh! meu Deus, oh! que modello
De perna torneada, grossa e lisa!

E *sinhá* sem notar-me, bem contente,
Na copada laranjeira balanceia,
Quando o acaso surge de repente,

Fatal espinho rompe a linda meia,
Emostrou-me, oh! meu Deus, oh! que incidente!...,
Os trapos de que estava a perna cheia.

Benjamin Labottière.



Um urbano artista, tendo em fito sua gloria, pretende amparar um edificio que cabe